

## Totalitarismo e Compreensão

JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE\*

### Resumo

Este texto pretende apresentar a ideia da compreensão em Hannah Arendt tomando como ponto de partida o posicionamento da autora frente ao fenômeno totalitário considerado por ela como sendo um acontecimento inédito e sem precedentes na história da humanidade que provocou uma verdadeira falência nos conceitos e categorias da tradição de pensamento ocidental.

**Palavras-chave:** Compreensão; Totalitarismo; Conceito; Tradição.

### Abstract

This text intends to present the idea of the understanding in Hannah Arendt taking as starting point the positioning of the author front to the totalitarian phenomenon considered by she as being an unknown event and without precedents in the history of the humanity who provoked a true bankruptcy in the concepts and categories of the tradition of occidental thought.

**Key words:** Understanding; Totalitarianism; Concept; Tradition.



\* JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE é Mestre em Filosofia pela Universidade federal de Goiás (UFG), aluno especial do curso de doutorado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Assistente de Filosofia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).



Publicada em 1951 por Arendt, filósofa alemã de origem judaica, *Origens do totalitarismo* (*The Origins of Totalitarianism*) tem como objetivo compreender “o que havia acontecido? Porque havia acontecido? Como pode ter acontecido?” (ARENDR, 1990, p.339-340.). É uma obra que apresenta, basicamente, duas novidades: uma forma de dominação nova e sem precedentes na história da humanidade e uma forma nova de se lidar com os acontecimentos do século XX, em especial, os acontecimentos políticos. Mistura ao mesmo tempo a curiosidade da história, a preocupação do documento e do arquivo, mas também a interrogação filosófica e o fervor ético.

Através da reflexão e da erudição, Arendt apresenta uma surpreendente interpretação das modernas correntes intelectuais europeias e dos acontecimentos políticos que representam a cristalização de um mal absoluto: a ideia e sua colocação em prática no século XX, de que a humanidade é supérflua. É um trabalho cuja originalidade ainda provoca confusão entre seus leitores. W. Gurian,

E. Voeglin e D. Riesman, por exemplo, viram na disposição interna da obra: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo, uma espécie de determinismo onde o totalitarismo seria inevitável.

O termo *Origens* que compõe o título da obra *Origens do totalitarismo*, não deve ser entendido no mesmo sentido do estudo genético de *A origem das espécies de Darwin*. Arendt não reconstitui apenas os fatos, ela pensa. Não os universais, hábito daqueles que acreditam ser necessário desprezar as opiniões ou ainda, que é fundamental que a filosofia se feche no puro invisível, na contemplação de uma essência, de algo que está ao alcance de uma minoria, ela procura nos terríveis eventos do século XX, isto é, nas experiências políticas catastróficas da humanidade, algum sentido, algo que possa iluminá-los.

Apesar da disposição dos temas – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo, a obra não é uma sequencia causal evolutiva, cujo apogeu é o totalitarismo. Em Arendt nenhuma ação humana é inteiramente explicável à

luz do que aconteceu antes, mesmo em retrospecto. Assim, para ela, o fenômeno totalitário é sem precedentes, e nenhuma evolução histórica, perfeitamente articulada, pode dar conta plenamente de suas origens.

Essa disposição dos temas, portanto, não se propõe nem a reconstruir uma sequência histórica cujo desenvolvimento permitiria explicar o totalitarismo como uma evolução estritamente causal, nem mesmo assediá-la a genealogia que o explicaria do ponto de vista da história das ideias. Se existe algo em comum entre o Antissemitismo, Imperialismo e o totalitarismo, é não poder ser relacionados com males antigos e analogias históricas.

Para Arendt, o acontecimento ou a ação não conhece nenhuma causa no sentido estrito do termo. No fundo, ela recusa o fatalismo e o determinismo. Rejeita qualquer interpretação que admite que o totalitarismo é antes produto do ateísmo moderno que de um processo socio-histórico. Isto é, que considera o nazismo e o comunismo como resultados da doença espiritual do agnosticismo, do desenvolvimento do sectarismo imanentista desde a alta Idade Média até o século XVIII.

A autora de *Origens do totalitarismo*, em suas análises, não faz uma revelação gradual da essência do totalitarismo, isto é, da sua forma incoativa no passado até ao seu total desenvolvimento porque, para ela, esta essência simplesmente não existe antes de ter vindo a ser. Os elementos que cristalizaram no totalitarismo não são totalitários. O fenômeno totalitário é único e nenhum dos elementos, seja da Idade Média ou do século XVIII, podem ser qualificados de “totalitários”.

Isso não significa opor-se à explicação

causal a incapacidade do homem para compreender o seu passado e para agir sobre a sua história futura, nem negar a legitimidade da explicação causal, todavia, significa uma severa crítica à primazia, e mesmo à exclusividade que lhe é demasiadas vezes concedida pela historiografia moderna. Ao sustentar que o sentido de cada ato, de cada acontecimento, só pode ser revelado por ele próprio,

Isso de certo não exclui seja a causalidade seja o contexto em que alguma coisa ocorre... no entanto, causalidade e contexto eram vistos sob uma luz fornecida pelo próprio evento, iluminando um seguimento específico dos problemas humanos; não eram considerados como possuidores de uma existência independente de que o evento seria apenas a expressão mais ou menos acidental, conquanto adequado. Tudo que era dado ou acontecia mantinha sua cota de sentido “geral” dentro dos confins de sua forma individual e aí a revelava, não necessitando de um processo envolvente e engolfante para se tornar significativa. (ARENDR, 1988, p.96.).

A autora de *Origens do totalitarismo* parece concordar-se com Tocqueville (Apud AMIEL, 1998, p.50), que outrora declarou seu ódio e considerou como “estritos pela sua presumida grandeza, e falsos com os seus ares de verdade matemática”, todos os sistemas que insistem em fazer com que “todos os acontecimentos da história dependam de grandes causas primeiras ligadas umas às outras por uma cadeia fatal e que elimina, por assim dizer, os homens da história do gênero humano”.

Em Arendt, a “causalidade” existente é apreendida *a posteriori*. Isto é, a partir de uma avaliação prévia do sentido do acontecimento. Assim, os elementos do totalitarismo formam suas origens se

por origens não compreendermos “causa”. A causalidade, isto é, o fator de determinação de um processo de acontecimentos no qual um acontecimento sempre causa e pode ser explicado por outro, é provavelmente uma categoria inteiramente estranha e falsificadora no reino das ciências históricas e políticas. Os elementos, por si mesmos, provavelmente nunca causam nada. Tornam-se origens de acontecimentos se e quando se cristalizam em formas fixas e definidas. Então, e apenas então, podemos retrair a sua história.

Dentro da perspectiva de Arendt, só podemos inteirar-nos do sentido de um acontecimento interrogando o próprio acontecimento. Reduzi-lo a mero efeito de uma causa, passaremos ao lado do essencial, do que ela designa por cristalização de diferentes elementos.

A explicação dos eventos, “dentro de um quadro de categorias preconcebidas, sendo a mais grosseira delas a da causalidade” (ARENDR, 1993, p.50), só seria possível em um ambiente de condicionamento absoluto, uma organização totalitária plenamente estabelecida capaz de privar os recém-nascidos de pensar e de agir, poderia tornar o mundo dócil à explicação por meio de causas e efeitos, ou estipular o seu curso de maneira determinística.

A utilização do termo Origens para explicar um acontecimento sem precedentes, não deve ser associado à ideia de um estudo de acontecimentos que evoluem através de causas e efeitos. Esse termo plural quer exatamente indicar a relação que une efetivamente um acontecimento ao seu passado, mas que mostra ao mesmo tempo, que essa relação é estabelecida *a posteriori*, isto é, que o ponto de partida é o próprio acontecimento. A fórmula fundamental que resume tudo isso é a seguinte: “O

acontecimento ilumina o próprio passado; jamais pode ser deduzido dele” (ARENDR, 1993, p.49). Para Arendt, o passado só advém com o acontecimento, ou seja, é o acontecimento que estabelece suas origens como tais. É o efeito que permite compreender melhor o sentido desses elementos inicialmente dispersos que constituíram as origens do acontecimento.

O fenômeno totalitário provocou uma falência nos conceitos, doutrinas e verdades da tradição. Assim, o passado não tem autoridade sobre ele, estilhaçou todos os fundamentos tradicionais de compreensão. E agora? Como compreendê-lo? Como compreender o inédito e sem precedentes? Como compreender algo que o senso comum não consegue assimilar? Como compreender um acontecimento que rompeu com o fio da tradição?

A tradição uma vez perdida, não pode ser restaurada, não pode ajudar. O que fazer, quando não se pode contar com o senso comum, nem com as “categorias do pensamento político”? Como medir sem o metro? Para Arendt é necessário pensar de novo, repensar o mundo para torná-lo novamente compreensível, isto é, habitável. Uma atitude possível para “um ser cuja essência é o começo”. Ou seja, Arendt (1993, p.53) entende que a perda da tradição não é o fim. O homem “pode trazer dentro de si um teor suficiente de origem para compreender sem categorias preconcebidas e julgar sem este conjunto de regras comuns que é a moralidade”. Uma forma de compreensão que, no final das contas, permite “aprender a lidar com o que

---

<sup>1</sup> O senso comum, a compreensão pré-crítica que Hannah Arendt mantinha fiel, significa a fé no mundo tal como aparece, a faculdade que nos permite inserir-nos no mundo, fazer dele a nossa casa.

irrevogavelmente passou e reconciliar-se com o que inevitavelmente existe”.

A única forma de reconciliarmos-nos com o mundo é tentar compreender o que passou. Não domesticá-lo, nem esquecê-lo. Devemos sempre procurar iluminar com a compreensão, mesmo o mais doloroso e o mais vergonhoso. Esse “reconciliar-se com”, para Arendt, não significa de forma alguma perdoar, muito menos concordar. “Reconciliar-se com”, para ela, insiste precisamente no desafio que representam para o pensamento os acontecimentos recentes da história ocidental, que as categorias tradicionais do juízo já não conseguem integrar.

Quando nos confrontamos com alguma coisa que nunca havíamos visto antes e para a qual não estão a nossa disposição critérios de nenhum tipo, Arendt (1999, p.31-32) nos aconselha a recorrer a nós mesmos. A procurar em nós mesmos alguma forma capaz de propor critérios novos para julgar e evidenciar a novidade em questão. Um julgar que, para ela, “não tem parâmetro, não pode recorrer a coisa alguma senão à própria evidência do julgado, não possui nenhum outro pressuposto que não a capacidade humana do discernimento, e tem muito mais a ver com a capacidade de diferenciar do que com a capacidade de ordenar e subordinar”.

Esse julgar significa uma forma de tomar uma posição diante dos eventos particulares do mundo, refletir sobre eles sem que se disponha de antemão de um conceito ou regras universais que possam ser aplicados ao caso. Assim, compreender o fenômeno totalitário significa, essencialmente, para Arendt (1993, p.39), emitir “juízos” sobre fatos. É uma forma de se lidar com a realidade humana: “Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação,

aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos inserir em casa no mundo”.

Compreender vai muito além do simples relacionar acontecimentos com determinadas leis gerais, compará-los com outros fatos análogos do passado. No caso do totalitarismo, se agirmos apenas dessa forma, passaremos ao lado daquilo que nele é o essencial, a saber, o seu caráter chocante e monstruoso. Compreender o fenômeno totalitário pressupõe acima de tudo, certa dose de coragem e resistência para enfrentar a realidade nua e crua. É uma atividade que dispensa analogias e generalidades, mas não nega, no fenômeno, o chocante e nem elimina dele o inaudito. Significa, portanto, “encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido” (ARENDDT, 1990, p.21).

Para se pôr em condição de julgar, de compreender algo inédito e sem precedentes, Arendt (1973, p.15) recorre a uma “instância da mente” segundo ela, de extrema importância, a imaginação. Distinta do sonho e da fantasia, a imaginação possibilita ao homem remover-se mentalmente de onde se encontra fisicamente colocado, para pensar “que as coisas poderiam ser diferentes do que realmente são”. A imaginação é entendida por ela, como a capacidade de fazer presente o ausente. Quando o objeto está muito próximo, imediato, a imaginação dá o distanciamento necessário para eliminar eventuais prejuízos e parcialidades; quando o objeto está distante, ela o torna familiar. Além disso, imaginar é também não apenas representar uma coisa ausente, mas também, é pôr-se no lugar de um outro ser humano, próximo ou distante.

A imaginação é a única bússola interior

que possuímos o que quer dizer que, sem ela, não poderíamos referenciar-nos no mundo. De acordo com Arendt (1993, p.53), “a imaginação nos permite ver as coisas em suas perspectivas próprias”, para que possamos compreendê-las sem tendências ou preconceitos. “Só ela permite superar os abismos que nos separam do que é remoto, para que possamos ver e compreender tudo o que está longe demais como se fosse assunto nosso”.

De um modo geral, para Arendt (1993, p.42-44), “compreensão baseia-se no conhecimento e o conhecimento não pode se dar sem que haja uma compreensão inarticulada, preliminar”. Ao expressar uma compreensão preliminar, a linguagem popular inicia assim o processo da verdadeira compreensão. “O totalitarismo, do mesmo modo, só se tornou um tópico de estudo corrente quando a compreensão

preliminar reconheceu-o como questão central e como o mais significativo perigo da época”.

#### Referências

AMIEL, Anne. **Hannah Arendt: política e acontecimento**. Tradução de Sofia Mota. Lisboa: Piaget, 1998.

ARENDRT Hannah. **A dignidade da política**. Tradução de Antônio Abranches., et ali. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **Crises da república**. Tradução de José Valkmann. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é política?**. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.